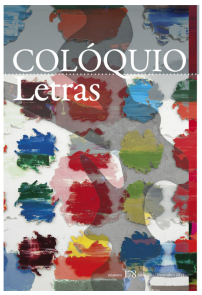

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

«ruy belo, era uma vez»

Diana Pimentel

Para citar este documento / To cite this document:

Diana Pimentel, "«ruy belo, era uma vez»", *Colóquio/Letras*, n.º 178, Set. 2011, p. 61-71.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

«ruy belo, era uma vez»

Diana Pimentel

> *Reconhecemo-nos ainda. Gostamos do mar e da terra a céu aberto. Árvores, searas, pedras, montes. Da praia. Dos campos. Das igrejas. Das aldeias e das cidades com passado e com ruas muito grandes. Dos textos antigos. De cartas e postais. E dos livros. E do povo. Das procissões. Dos cafés. Do cemitério. De ir ao cinema. Ler o jornal. Mozart e Bach. Não sabemos pôr gravata. Ainda temos camisas aos quadrados e vestimos camisola. Não gostamos da manha e da astúcia. Somos pobres. Temos o sol e só o que nos toca o coração. Alguns amigos mais. [...] Acreditamos na alegria e na pureza. Sabemos que o homem é Deus feito carne.*
>
> *Reconhecemo-nos. Somos assim generosos, é verdade. Sem esforço. E não vamos mudar. Não sei se somos um grupo nem seremos com certeza uma geração, somos uma maneira de ser. E na poesia do Ruy nos encontramos.*[1]

para Paula Morão

No texto que abre a edição de 1978 de *Homem de Palavras[s]*, «De como um poeta acha não se haver desencontrado com a publicação deste livro. Explicação preliminar à sua segunda edição», Ruy Belo declara:

> Em *Homem de Palavras[s]* parece-me ter escrito poemas, introduzido processos, buscado formas que nunca escrevera, introduzira ou buscara até então. A exemplo, «Algumas proposições com crianças» ou «Algumas proposições com pássaros e árvores que o poeta remata com uma referência ao coração» são poemas que ninguém, segundo julgo, nem eu próprio escrevera antes.[2]

Anoto (como se em silêncio, por agora) três palavras contidas na «explicação preliminar» à segunda edição de *Homem de Palavras[s]*: o artigo indefinido «*um* [poeta]», no título, o pronome indefinido «*ninguém*» e o advérbio «*antes*», no texto (sublinhados meus). Regresso a este lugar anterior[3] para aprender e *reconhecer* uma leitura (minimalista) de uma ínfima parte do percurso poético, ético e autoral de Ruy Belo, que aqui tento.

O mapa desta interpretação é delineado pelos ensaios de Manuel Gusmão «'Para a Dedicação de Um Homem'. Algumas Variações em resposta à Poesia de Ruy Belo», «Pequena Fala sobre a Poesia de Ruy Belo» e «Aprender a Poesia com Ruy Belo»[4]. Tocarei, neste ensaio, com diferentes intensidade e temperatura, os livros *Dobra. Poesia Reunida (1983-2007)*[5], de Adília Lopes, e *contabilidade. poesia (1996-2010)*[6], de valter hugo mãe.

Era uma vez «um poeta»[7], que escreveu, «a exemplo», «Algumas proposições com crianças» e «Algumas proposições com pássaros e árvores que o poeta remata com uma referência ao coração», «poemas que ninguém [...] escrevera antes»[8], relembro. Manuel Gusmão «suger[e] que um dos modos de falar da experiência da sua leitura consiste em dizer que ela nos *comove*. Ou seja, ela mantém activa a capacidade de nos emocionar ou de nos pôr, com ela, em movimento. Como? Porquê?»[9]. Este é o lugar em que situo a minha proposta de leitura de poemas de Ruy Belo: o da interrogação do *modo como* e da *razão por que* nos move e *comove* a sua poesia.

«ruy belo» é, para mim (que tento uma leitura experimental), um espaço e um tempo indeterminados, fundados por «*um poeta*» ou «*ninguém*», que «escrevera *antes*». Tratando-se de «uma voz escrita» e de «poesia viva»[10], é natural que a sua evocação — lida e falada — se abra ante «o horizonte em que os leitores futuros virão»[11].

Antes do futuro, antes de «ruy belo»,

> os primeiros oráculos [...] foram feitos por um carvalho! É evidente que os homens daquele tempo não eram tão sábios como os da nossa geração e, como eram ingénuos, o que um carvalho ou um rochedo dissessem tornava-se muito importante, conquanto lhes parecesse verídico[12].

Lado a lado encontro *homens ingénuos* que ouvem o que dizem *um carvalho ou um rochedo* e «ruy belo», um vago lugar anterior ao tempo escrito e contado onde se demora «uma fala muito próxima de nós, uma voz que em nós ressoa e intimamente nos interpela»[13].

Detenho-me, por exemplo, na árvore, no *carvalho*; experimento ler «Algumas proposições com pássaros e árvores que o poeta remata com uma referência ao coração»[14]:

> Os pássaros nascem na ponta das árvores
> As árvores que eu vejo em vez de fruto dão pássaros
> Os pássaros são o fruto mais vivo das árvores
> Os pássaros começam onde as árvores acabam
> Os pássaros fazem cantar as árvores

Ao chegar aos pássaros as árvores engrossam movimentam-se
deixam o reino vegetal para passar a pertencer ao reino animal
Como pássaros poisam as folhas na terra
quando o outono desce veladamente sobre os campos
Gostaria de dizer que os pássaros emanam das árvores
mas deixo essa forma de dizer ao romancista
é complicada e não se dá bem na poesia
não foi ainda isolada da filosofia
Eu amo as árvores principalmente as que dão pássaros
Quem é que lá os pendura nos ramos?
De quem é a mão a inúmera mão?
Eu passo e muda-se-me o coração

Um «discreto poema, [...] aparentemente muito simples, quase inocente»[15], este conjunto de «proposições»; Manuel Gusmão anota — de modo sublime — como «termina propondo-nos a partilha de uma emoção de que não nos é dito o nome» porque «o poeta não nomeia o afecto só diz que ele sobrevém»[16]. Muda, move-se. *Co*move-se.

Este «poema declarativo», «quase inocente, como se fosse uma redacção», «é um poema que mostra a poesia a nascer»[17]. Pousando o meu dedo — ao de leve, a lápis — sobre estas linhas, desenho um apontamento para aprender, «sem grande risco», «que é canto elegíaco, declaração, narrativa, meditação, invenção da memória e escuta do que virá, encontro e despedida com as paisagens do mundo e os rostos do amor» [18].

Não «sem grande risco», entre «uma disponibilidade para acolher o que nos é estranho mas nos move» e «a acção de escutar, de ler, voltar a ler, e responder com a nossa própria voz, a nossa própria experiência de leitura e de vida»[19], declaro que «ruy belo» *escutou* o que depois de si veio, se encontrou e se despediu de dois «dos rostos do amor» que na «paisagem do mundo»[20] dos nossos dias de leitura de poesia receberam os nomes próprios Adília Lopes e valter hugo mãe.

Num certo e trémulo sentido, à pergunta «'a inúmera mão' — o que significa?»[21] respondo, indagando: «ruy belo» é a *mão* e é «inúmera porque faz diferentes coisas e de distintas ou múltiplas maneiras as faz?»[22].

Será «ao mesmo tempo a mão do poeta, a mão que escreveu este poema, a mão da poesia, a mão de deus, a mão da *natura naturans* — ou a de *deus sive natura*?»[23]. Sim, intuo, porque «ruy belo» «passa pelo mundo onde há árvores que dão pássaros e [se] comove» e «esse é o mundo que este poema inventa, o mundo que este poema é»[24]. Antes de tentar confirmar a declaração, regresso a Ruy Belo, às suas «imagens vindas dos dias», a uma «planta alta e trigueira» onde «não sei nada»[25].

As plantas acenavam ao vento de agosto, nas suas hastes finas e verdes. E disse-me a mais faladora de todas, alta e trigueira:

— Dás-me dez anos da tua vida?

Eu só tinha cinco anos, pus-me a contar pelos dedos, vi que ia ficar com muito pouco.

— Dou — disse eu.

E ainda hoje, que nunca mais soube de mim, vou com o vento, balouçando. E agosto é todo o ano para mim.

Plantas ou árvores, «palavra que (também no singular) [Ruy Belo] muito usou» são — não apenas para mim nem apenas neste lugar — «símbolos de que dispomos para representar a esperança e a promessa na regeneração cíclica»[26].

De um modo muito claro, «ruy belo» revela-se-me como esse «tempo ramificado»[27] de que nascem «hastes finas e verdes» e «palavras» e «pedras»:

Conheço as palavras pelo dorso. Outro, no meu lugar, diria que sou um domador de palavras. Mas só eu — eu e os meus irmãos — sei em que medida sou eu que sou domado por elas. A iniciativa pertence-lhes. São elas que conduzem o meu trenó sem chicote, nem rédeas, nem caminho determinado antes da grande aventura.

Sim. Conheço as palavras. Tenho um vocabulário próprio. O que sofri, o que vim a saber com muito esforço fez inchar, rolar umas sobre as outras as palavras. As palavras são seixos que rolo na boca antes de as soltar. São pesadas e caem. São o contrário dos pássaros, embora «pássaro» seja uma das palavras. A minha vida passou para o dicionário que sou. A vida não interessa. Alguém que me procure tem de começar — e de se ficar — pelas palavras. Através das várias relações de vizinhança, entre elas estabelecidas no poema, talvez venha a saber alguma coisa. Até não saber nada, como eu não sei.

Quem sabe de «conhecimentos científicos sobre a morte»[28] — entre o termo e a esperança, a solidão e a finitude — deseja (a si próprio, a outro, a *ti*) que

deixa[sses] de pensar nos monstros quando
te sentisses tão sozinho, posto no mundo como
quem tem ofício de pedra ou partícula ínfima
de vento.[29]

«valter hugo mãe» está

sentado no chão [...]
como quem deita os pássaros a voar [...]
o corpo leve, a
esperança toda.[30]

Pássaro de «ruy belo» ou «raiz de pássaro»[31], valter hugo mãe inscreve

nas árvores
de passagem
o dia
abranda o pé
tudo se lentifica solenemente e
tão a medo

eu sou apenas um poeta, ignoro também as coisas todas,
por mais magia que exista em
dizer que posso falar do mar
como incêndio de água e até erguê-lo em
chamas numa só palavra, porque isso
será apenas um
efeito secundário da boca [...]

se olhar o céu é modo de
não pesar, tarde inteira tenho
no vento pé, raiz de pássaro,
muito lento, alto, sobrevivendo à
chuva como a voar[32]

Regresso a Ruy Belo, em outra estação, no «Outono». «Um dia não muito longe não muito perto»[33]:

Às vezes sabes sinto-me farto
por tudo isto ser sempre assim
Um dia não muito longe não muito perto
um dia muito normal um dia quotidiano
um dia não é que eu pareça lá muito hirto
entrarás no quarto e chamarás por mim
e digo-te já que tenho pena de não responder
de não sair do meu ar vagamente absorto
farei um esforço parece mas nada a fazer
hás-de dizer que pareço morto
que disparate dizias tu que houve um surto

não sabes de quê não muito perto
e eu sem nada pra te dizer
um pouco farto não muito hirto e vagamente absorto
não muito perto desse tal surto
queres tu ver que hei-de estar morto?

Antes de continuar com «ruy belo», toco e anoto, de novo, *contabilidade*, de valter hugo mãe, e *Dobra*, de Adília Lopes.

A «nota do autor» que acaba *contabilidade*[34] é muito clara; valter hugo mãe começa por falar do seu «ofício de poeta». Natural é aqui ecoar um outro ensaio, de Herberto Helder, com o mesmo título, publicado em 1961[35]. O poeta mais antigo tinha, naquele tempo, trinta e um anos e este texto estava incluído na secção «Testemunho» da revista *Êxodo*. Neste ensaio, Helder declara que

> tudo isso em que a civilização se aplicou, e foi e é um degrau imaginado no percurso para um tempo melhor, encontra a sua beleza ao atingir o poema. [...] É este papel, que quanto a mim, se destina à poesia. [...] Grande poesia [...] será a que se ligar à circunstância universal do homem, à matéria da sua história, à experiência difícil do trabalho pela liberdade e pela felicidade.[36]

O poeta de *contabilidade* declara — com trinta e alguns anos — que «a verdade é que sempre quis fugir de mim, por cansaço para com as coisas todas, e a vontade de ser outro foi fazendo com que me tornasse outro»[37].

Entre 1961 e 2010, o «ofício de poeta» de valter hugo mãe *fala* ao *ofício cantante* de Herberto Helder (em 2009); e fá-lo ao confessar:

> a poesia deu-me tudo aquilo que aprendi sobre os textos. nenhum outro género nos exige mais do que a poesia, e ter estado a maior parte da vida a querer ser poeta fez de mim até um cidadão melhor, estou seguro disso.[38]

Não da mesma idade (um *antes*, outro depois), são e serão poetas da mesma *geração*. De modos concordantes e diferidos, ambos pertencem, também (para além de um ao outro), ao espaço e ao tempo indeterminados a que dei o nome comum «ruy belo». Digo-o — *de vagar*.

No poema de Ruy Belo, «Um dia não muito longe não muito perto», «eu» está «farto» e (pergunta-se) «morto?».

«um dia não muito longe não muito perto / um dia muito normal um dia quotidiano» é o verso onde valter hugo mãe encontra um *futuro* continuado:

canso-me terrivelmente das coisas, tendo uma propensão cruel para atirar ao lixo seja o que for, incluindo as memórias mais gratas, porque não conservo senão uma vontade de futuro, uma necessidade de continuar fazendo, mais do que me deixar fascinar ou sequer convencer pelo que já fiz.»[39]

O futuro do poeta de *contabilidade* terá (pergunto) a sua origem no «Ofício de Poeta» do homem mais antigo, para quem «tudo isso em que a civilização se aplicou, e foi e é um *degrau imaginado no percurso para um tempo melhor*»[40]? Ambos concordam — não apenas no título, por '*dever de ofício*' — que a «grande poesia [...] será a que se ligar à circunstância universal do homem, à matéria da sua história, à experiência difícil do trabalho pela *liberdade* e pela *felicidade*»[41].

Na «vontade de futuro» de valter hugo mãe «não me importa muito saber se é assim que *se deve* ou *não se deve* fazer a recolha de um trabalho poético porque, no que respeita à literatura, como a todas as artes, *a liberdade é a única regra aceitável*»[42]. O «quotidiano» de «um dia não muito longe não muito perto» no poema de Ruy Belo é «um dia muito normal um dia quotidiano» e «entrarás no quarto e chamarás por mim»[43].

No poema de valter hugo mãe

> eu quero um quotidiano mais
> amoroso, faço esforços por isso, sigo quem se me
> confessar honestamente preocupado com a mesma
> coisa. sou amigo dos sensíveis. ainda choro, tenho
> trinta e seis anos e ainda choro e adorava que vocês
> chorassem também[44]

Neste lugar onde «há sempre mais ou menos nítida uma memória da poesia»[45] valter hugo mãe inscreve «uma maneira de viver por palavras, um desejo do mundo, uma escuta e transfiguração daquilo a que chamamos 'o real'», «mesmo quando parece cantar o amor e a morte, o mundo ou a comunidade dos humanos» (como sobre Ruy Belo escreveu Manuel Gusmão[46]).

Porque — em «ruy belo» como em valter hugo mãe — «a poesia pode justamente nascer de um não saber como viver, de uma resposta verbal e criadora a essa ignorância que entretanto não desiste»[47], é à «comunidade dos humanos» que o poeta de *contabilidade* se conta e nos fala.

No poema «ideais para gente mirrada» encontramos «um discreto rapaz atento», «com uma alma de província, cheia de / paisagem», «um rapaz com duas ou três convicções transcendentais»[48]. Era uma vez «um rapaz a quem / os animais ainda dizem respeito, assim como as / plantas, mesmo as

mais recônditas nos / hábitos de residência»[49] — o que talvez possa também querer dizer um *homem de palavra[s]* que está «na cama e são onze da manhã. Devo / ter feito alguma coisa certa para que tal coisa / aconteça sem que me acusem de vadio».[50] Quem nos fala tem um

> estilo desorganizado de vida. um estilo
> algo excêntrico para quem está no coração dos pescadores e
> das mulheres que recolhem coisas das passadeiras
> rolantes nas fábricas.[51]

O *rapaz* soube aprender «que o melhor é curar a tristeza / procurando intensamente a felicidade»[52] e prefere

> a cada dia e sem garantia alguma, voltar a
> ficcionar o futuro a partir da esperança mais
> difícil e animar-[se] para todas as coisas já um
> pouco feliz e apaixonado.[53]

Porque «canta [...] o amor e a morte»[54], diz-nos:

> andamos todos à procura de não
> morrer, como se isso bastasse. temos ideais de
> gente mirrada, mais ainda porque somos
> portugueses, e não abdicamos de um bom drama
> para nos completarmos no momento em que
> somos o fugaz centro das atenções.[55]

E por que «não desiste»[56]? Entre a demorada morte e a fugaz felicidade, valter hugo mãe antecipa:

> quando ficar sem perguntas direi,
> que bem que estaríamos todos no cimo do monte a
> sermos picados por abelhas, porque quando me
> ferrou uma abelha, era eu tão pequeno, a minha
> mãe cuidou de mim tão atentamente que me
> fez perceber quem seria ela e quem seria eu para
> toda a vida. e podíamos partir dessa primeira dor
> para a felicidade. não só para uma intimidade melhor,
> mas para um país melhor, feito de escritores menos
> embrutecidos pelo quotidiano tão pouco
> amoroso do nosso tempo.[57]

Abro uma pequeníssima folha de *Dobra*. Como valter hugo mãe, também Adília Lopes é *pássaro* de «ruy belo»; Adília declara:

> os tempos são crus [...] [a] lembrança e o desejo e a esperança de que assim não seja anima-me. Um dia não muito longe não muito perto seremos felizes e vivos para sempre porque verdadeiramente carinhosos, isto é, caridosos.[58]

Como para valter hugo mãe, «raiz de pássaro», para Adília Lopes, «A minha falta de pudor em relação à morte é o meu amor pela vida. O meu amor pelos animais não é piegas. Eu sou sensível mas não sou piegas»[59].

No encontro com Ruy Belo que aqui é claro, limpo, transparente, *Dobra* opera um acontecimento, com o qual se toca a última página destes poemas, a *obra*:

> Na minha vida, até agora, aconteceram-me mais de mil milagres.
> Dou graças a Deus por isso.[60]

«Eu», que «amo as árvores principalmente as que dão pássaros»[61], recordo «Algumas proposições com crianças»[62]. E silencio-me.

> A criança está completamente imersa na infância
> a criança não sabe que há-de fazer da infância
> a criança coincide com a infância
> a criança deixa-se invadir pela infância como pelo sono
> deixa cair a cabeça e voga na infância
> a criança mergulha na infância como no mar
> a infância é o elemento da criança como a água
> é o elemento próprio do peixe
> a criança não sabe que pertence à terra
> a sabedoria da criança é não saber que morre
> a criança morre na adolescência
> Se foste criança diz-me a cor do teu país
> Eu te digo que o meu era da cor do bibe
> e tinha o tamanho de um pau de giz
> Naquele tempo tudo acontecia pela primeira vez
> Ainda hoje trago os cheiros no nariz
> Senhor que a minha vida seja permitir a infância
> embora nunca mais eu saiba como ela se diz

NOTAS

[1] Luis Miguel Cintra, «Prefácio», *in* Duarte Belo e Rute Figueiredo, *Coisas de Silêncio*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, [p. 7].

[2] Ruy Belo, «De como um poeta acha não se haver desencontrado com a publicação deste livro. Explicação preliminar à sua segunda edição», *Homem de Palavras[s]* [1970], in *Todos os Poemas*, 3.ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 2009, p. 245-6.

[3] Penso no hiato temporal que decorre entre a primeira e a última das edições da poesia de Ruy Belo que incorpora *Homem de Palavras[s]*: 1.ª ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1970 (col. «Cadernos de Poesia»), e *Todos os Poemas*, ed. cit.

[4] Manuel Gusmão, «Algumas Variações em resposta à Poesia de Ruy Belo», *Tatuagem e Palimpsesto. Da poesia em alguns poetas e poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2010, p. 409-43. «Pequena Fala sobre a Poesia de Ruy Belo», *ibid*., p. 444-8; «Aprender a Poesia com Ruy Belo», *ibid*., p. 449-69. O primeiro texto foi originalmente publicado com o título «'Para a Dedicação de Um Homem'. Algumas Variações em resposta à Poesia de Ruy Belo» em *Coisas de Silêncio*, ed. cit., p. 115-33.

[5] Adília, Lopes, *Dobra. Poesia Reunida (1983-2007)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2009.

[6] valter hugo mãe, *contabilidade. poesia (1996-2010)*, Carnaxide, Editora Objectiva, 2010.

[7] Ruy Belo, «De como *um* poeta acha não se haver desencontrado com a publicação deste livro. Explicação preliminar à sua segunda edição», *ob. cit*., p. 445 (sublinhado meu).

[8] Idem, *ibid.,* p. 445-6.

[9] Manuel Gusmão, «Pequena Fala sobre a Poesia de Ruy Belo», *ob. cit*., p. 444.

[10] Idem, *ibid*.

[11] *Ibid*.

[12] Platão, *Fedro ou Da Beleza*, trad. e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Guimarães Editores, 1989, p. 122.

[13] Manuel Gusmão, «Pequena Fala sobre a Poesia de Ruy Belo», *ob. cit*., p. 445.

[14] Ruy Belo, *Homem de Palavras[s]* [1970], in *Todos os Poemas*, ed. cit., p. 308.

[15] Manuel Gusmão, «Aprender a Poesia com Ruy Belo», *ob. cit*., p. 455.

[16] Idem, *ibid*., p. 455 e 467, respectivamente.

[17] Manuel Gusmão, «Pequena Fala sobre a Poesia de Ruy Belo», *ob. cit*., p. 448.

[18] *Ibid*., p. 444, 448.

[19] *Ibid*., p. 446.

[20] *Ibid*., p. 448.

[21] Manuel Gusmão, «Aprender a Poesia com Ruy Belo», *ob. cit*., p. 466.

[22] Idem, *ibid*.

[23] *Ibid*., p. 466-7.

[24] *Ibid*., p. 467.

[25] Ruy Belo, *ob. cit*., p. 353, 354.

[26] Manuel Gusmão, «Algumas Variações em resposta à Poesia de Ruy Belo», *ob. cit*., p. 409.

[27] Idem, *ibid*.

[28] valter hugo mãe, *ob. cit*., p. 87-9.

[29] Idem, *ibid*., p. 87-8.

[30] *Ibid*., p. 88.

[31] *Ibid*., p. 271-3.

[32] *Ibid*., p. 271-2.

[33] Ruy Belo, «Um dia não muito longe não muito perto», *ob. cit.*, p. 303.
[34] valter hugo mãe, *ob. cit.*, p. 283-8.
[35] Herberto Helder, «Ofício de Poeta», *Êxodo*, Coimbra, 1961, p. 32-4.
[36] Idem, *ibid.*, p. 3-4.
[37] valter hugo mãe, «nota do autor», *ob. cit.*, p. 285.
[38] Idem, *ibid.*, p. 285-6.
[39] *Ibid.*, p. 286.
[40] Herberto Helder, *ob. cit.*, p. 33 (sublinhados meus).
[41] Idem, *ibid.* (sublinhados meus).
[42] valter hugo mãe, «nota do autor», *ob. cit.*, p. 285-7 (sublinhados meus).
[43] Ruy Belo, «Um dia não muito longe não muito perto», *ob. cit.*, p. 303.
[44] valter hugo mãe, «ideais para gente mirrada», *ob. cit.*, p. 96.
[45] Manuel Gusmão, «Aprender a Poesia com Ruy Belo», *ob. cit.*, p. 463.
[46] Idem, «Pequena Fala sobre a Poesia de Ruy Belo», *ob. cit.*, p. 445.
[47] Idem, *ibid.*
[48] valter hugo mãe, «ideais para gente mirrada», *ob. cit.*, p. 92.
[49] Idem, *ibid.*
[50] *Ibid.*, p. 93.
[51] *Ibid.*
[52] *Ibid.*, p. 93-4.
[53] *Ibid.*, p. 94.
[54] Manuel Gusmão, «Pequena Fala sobre a Poesia de Ruy Belo», *ob. cit.*, p. 445.
[55] valter hugo mãe, «ideais para gente mirrada», *ob. cit.*, p. 95.
[56] Manuel Gusmão, «Pequena Fala sobre a Poesia de Ruy Belo», *ob. cit.*, p. 445.
[57] valter hugo mãe, «ideais para gente mirrada», *ob. cit.*, p. 95-96.
[58] Adília Lopes, *ob. cit.*, p. 657.
[59] Idem, *ibid.*, p. 656.
[60] *Ibid.*, p. 650.
[61] Ruy Belo, *ob. cit.*, p. 308.
[62] Idem, *ibid.*, p. 284.